

VERDADE E MOBILIZAÇÃO

Artigo de Viriato Soromenho-Marques publicado na revista *Visão*, edição n.º 673 26 de Janeiro de 2006, p.130.

O QUE a opinião pública continua a esperar da ciência e dos cientistas pode encontrar abrigo na forma apaixonada e exigente como Auguste Comte definia, em 1848, a carreira científica: um “sacerdócio da humanidade” (*sacerdoce de l’Humanité*). Os recentes escândalos que abalaram a comunidade científica internacional não poderiam fazer um maior efeito de contraste entre uma parte da realidade da prática científica actual e o tipo ideal apresentado pelo fundador do positivismo.

Dois cientistas que ainda há pouco estavam nos píncaros da glória académica tombaram na mais ignóbil das desgraças por má conduta científica e pela aparente ausência do mínimo de escrúpulos éticos. O sul-coreano Woo Suk Hwang, que tinha publicado na revista *Science* admiráveis progressos no estudo das células estaminais, para fins terapêuticos, e o norueguês Jon Subdo, que deu à estampa na revista *Lancet* um importante estudo do foro oncológico, foram ambos acusados de fraude científica. Duas características comuns em ambos os casos: a) estes homens envolveram na vergonha pública muitos outros colegas, que com eles assinaram os referidos artigos; b) as fraudes tinham resultado em significativas recompensas (o sul-coreano recebera a promessa de dirigir um novo e gigantesco complexo científico com 50 mil metros quadrados, e o norueguês obtivera 10 milhões de dólares de financiamento do Instituto Nacional do Cancro dos EUA).

CASOS COMO estes estão longe de serem únicos, contudo, eles não retiram o mérito nem a indispensabilidade do labor de milhões de investigadores em todo o mundo, que fiéis à procura multifacetada da verdade abraçaram uma carreira científica.

Importa, todavia, ter presente que as duras condições em que se pratica hoje a investigação científica podem obscurecer fortemente a própria ideia da verdade como objectivo da demanda científica, muito para além das questões da fraude. Não foi preciso esperar pela Era da “Big Science”, associada ao projecto Manhattan, que fez nascer a bomba atómica, para ver expostas as condições básicas da moderna investigação científica. Já em 1624, na sua utópica *New Atlantis*, o grande Francis Bacon definia o trabalho científico como uma enorme empresa colectiva, baseada numa cada vez maior especialização dos saberes, e num investimento dos recursos materiais da sociedade envolvente. A especialização leva a que nos projectos possa ser escassa uma adequada compreensão do objectivo global perseguido, por parte dos membros das equipas, sendo também difícil, por vezes, ter uma apreciação do mérito específico de cada um dos contributos particulares. É óbvio que existem mecanismos de escrutínio e avaliação externa, mas o decisivo é que sem confiança mútua nenhum projecto poderia sequer sair da fase de esboço. Já no que respeita ao financiamento, o clima de severa competição por fundos públicos e privados obriga a um aumento da produtividade das equipas e dos

investigadores, numa aceleração que pouco favorece a ponderação e a vigilância críticas.

FOI ERNST Jünger quem, em 1932, utilizou o conceito de mobilização para definir a essência da sociedade contemporânea. “Mobilização” é um conceito da esfera militar. Significa a capacidade de colocar não apenas as forças armadas, mas o conjunto dos poderes de uma sociedade ao serviço dos objectivos bélicos. Para Jünger, a mobilização invadira todas as esferas da vida social. As fábricas tornaram-se quartéis, e a competição económica obedecia à lógica dos campos de batalha. De facto, hoje a investigação científica está invadida pelos requisitos das aplicações tecnológicas, e pela lógica da dominação dos mercados por parte das empresas que fornecem a parte de leão dos financiamentos para a pesquisa. “Em tempo de guerra não se limpam armas”. Este aforismo castrense pode aplicar-se também à técnica contemporânea, e os resultados, mesmo quando não contaminados pela fraude, podem ser socialmente desastrosos, pela negligência de critérios de rigor e precaução. O que foram os casos do uso de CFC, da talidomida, das hormonas de crescimento, das “vacas loucas”, entre muitos outros episódios dramáticos, senão também o resultado de equipas científicas que tiveram de trabalhar, “mobilizadas”, “debaixo de fogo”, com uma visão estilhaçada do objecto de estudo, e obrigadas a apresentar resultados positivos em função de um calendário, que não era epistémico, mas sim comercial?

Estes casos recordam-nos que nada substitui a coragem ética de cada cientista, mas sobretudo devem alertar os cidadãos. Sem uma forte política pública de investigação e ciência, a sociedade pode perder o controlo prudente sobre a produção da verdade. Sem o factor imunitário da demanda exigente da verdade, a mobilização técnica e científica constitui uma receita segura para o desastre.

Viriato Soromenho-Marques